NARRATIVAS DE TRABALHADORAS SEXUAIS SOBRE MATERNIDADE E PRECONCEITO

MILENA OLIVEIRA COSTA[1]; VANIA DIAS CRUZ[2]; JOSIANE DA COSTA MOREIRA[3]; LUCIANO SANTOS GENTILINI[4]; MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA[5]; VALÉRIA CRISTINA CHRISTELLO COIMBRA[6]

[1]Universidade Federal de Pelotas – enfa.milenaoliveira@gmail.com
[2]Universidade Federal do Rio Grande do Sul – vaniadiascruz@gmail.com
[3]Universidade Federal de Pelotas – cm.josi@hotmail.com
[4]Universidade Federal de Pelotas – lucianogentilini@gmail.com
[5]Universidade Federal de Pelotas – mandagara@hotmail.com
[6]Universidade Federal de Pelotas – valeriacoimbra@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A prostituição é um dos fenômenos sociais mais antigos do mundo, sendo estudada sob diversas perspectivas que refletem sobre a prática do trabalho sexual e suas consequências na sociedade (BARRETO, 2022). Ao longo da história, a relação das sociedades com a prostituição tem sido marcada pela ambiguidade, oscilando entre a tolerância, devido às necessidades sexuais masculinas, e a condenação por ser vista como pecado ou promiscuidade (TEODORO, 2021, PRADA 2018).

O trabalho sexual, historicamente marginalizado e envolto em estigmas sociais, configura-se como uma profissão frequentemente invisibilizada e sujeita a preconceitos (CAMINHAS, 2025). Quando a identidade de trabalhadora sexual se une à maternidade, uma experiência socialmente idealizada e reverenciada, surge um complexo cenário de desafios e contradições (TEODORO, 2021). A intersecção desses dois papéis coloca essas mulheres em um espaço de tensão, onde as normas e expectativas sociais sobre a “boa mãe” colidem diretamente com o estigma associado à sua profissão.

Um impacto significativo desse estigma é a crença social na inabilidade familiar e maternal das prostitutas, o que reforça o preconceito e complexifica o “ser mãe” para essas mulheres. Essa percepção está ligada a modelos históricos de feminilidade e maternidade que esperam que as mulheres se dediquem integralmente ao lar, ao marido e aos filhos, rotulando aquelas que se desviam, como imorais (TEODORO, 2021).

Diante dessas realidades, o discurso público muitas vezes negligencia ou distorce as experiências das mães trabalhadoras sexuais (CAMINHAS, 2025; PFUHL, 2020). Faz-se imperativo que suas narrativas sejam ouvidas e levadas a sério, desafiando noções preconcebidas e contribuindo para a desconstrução do estigma.

Frente ao exposto, propõe-se a mergulhar nas profundas e multifacetadas vivências dessas mulheres, buscando conhecer as complexidades que permeiam a sua jornada. Assim, este estudo tem por objetivo analisar as vivências de trabalhadoras sexuais, com enfoque nas narrativas do exercício da maternidade e do preconceito social.

2. METODOLOGIA

Os dados apresentados compõem os resultados de uma pesquisa qualitativa, fundamentada no método da história oral e em anotações de diário de

campo, realizada para a elaboração da Dissertação de Mestrado intitulada “Memórias de um passado presente: Mulheres Profissionais do Sexo em tempos de pandemia do novo coronavírus 2019”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

A coleta de dados foi realizada no local de trabalho das participantes, entre março e abril de 2022, por meio de entrevistas abertas, que foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da UFPel, sob o parecer nº 5.056. Na apresentação dos resultados, as participantes serão identificadas apenas pela inicial dos nomes fictícios por elas escolhidos, seguida da idade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As participantes do estudo são seis mulheres cisgênero, com idades entre 34 e 53 anos, das quais apenas uma não era mãe. A análise das narrativas revela que, para muitas dessas mulheres, a maternidade é a principal motivação para entrar ou permanecer na profissão. A necessidade financeira de prover para os filhos é um tema recorrente e doloroso:

> *“Eu me separei com eles bem pequeninhos, eu vim para Pelotas com um filho em cada braço e uma sacolinha de roupa”. (P38)*

P38 começou a se prostituir em um momento de extrema vulnerabilidade, com dois filhos pequenos e sem comida em casa após perder o emprego. Ela afirmou que *"uma mãe que se prostitui pelos filhos é uma mãe capaz de qualquer coisa"* (Diário de campo, 12/04/2022).

Sua narrativa confronta a concepção social que frequentemente associa a prostituta a estereótipos de imoralidade, impureza ou incapacidade materna (PFUHL, 2020).

Ela conta como iniciou na profissão, após recusar oferecer jantar a uma amiga, temendo que faltasse alimento para seus filhos, e descreve a reação da amiga diante dessa situação.

> *“Nesse dia essa minha amiga pegou e disse para mim - que bobagem, bota uma roupa que a gente vai resolver o teu problema, e eu fui parar no Bangalô, no meio da loucura (risos), eu nem sabia o que era, onde eu estava, o importante que no outro dia a geladeira estava cheia, e os armários estavam cheios, e isso que importou para mim” (P38).*

Os dados reforçam a intrínseca relação entre maternidade e trabalho sexual, sendo, para muitas, este um recurso para garantir o sustento da família (ANTONIASSI JUNIOR; OLIVEIRA, 2025; SILVA; SANTOS; CARVALHO, 2020).

M48 também iniciou na prostituição por necessidade, após se separar de um marido agressivo e ficar desempregada, com uma filha de 11 anos:

> *“.... depois que me separei dele, apareceu a oportunidade, porque eu tinha ficado desempregada na época, e eu não sabia nem como sustentar a menina”. (M48)*

Ela destaca que *"nunca faltou nada"* para a filha, que pôde cursar faculdade particular, ter um carro e contar com auxílio para comprar um apartamento, tudo custeado com o dinheiro da prostituição. Planeja deixar a profissão quando a filha se casar, pois seu objetivo sempre foi *"manter ela"* (Diário de Campo, 17/03/2022).

A narrativa de M48 aprofunda a discussão sobre o trabalho sexual como meio transitório, voltado a objetivos específicos relacionados ao bem-estar familiar (TEODORO, 2021; ANTONIASSI JUNIOR; OLIVEIRA, 2025).

Para se proteger do preconceito, adota como estratégia vestir-se e maquiar-se de forma discreta, além de evitar o uso de plataformas digitais:

> *"... uma forma de proteger a mim e a minha filha né, porque eu não gosto de expor ela, a minha preocupação sempre foi ela, tanto é que eu trabalho sem site, sem foto em lugar nenhum, porque a minha preocupação sempre foi proteger ela". (M48)*

Essas estratégias ilustram a "vida dupla" adotada por muitas trabalhadoras sexuais como mecanismo de encobrimento da identidade profissional, evitando o julgamento moral que reforça o ideal histórico de uma mulher "pura" e restrita à maternidade tradicional (PFUHL, 2020; CRISTOFANINI, 2017).

B34 que começou durante a pandemia de COVID-19, enfatiza que a profissão permitiu oferecer uma *"qualidade de vid*a" que jamais teria em outros empregos. Ela paga o curso de inglês do filho, comprou um computador e o encoraja a apenas estudar, não trabalhar cedo como ela fez. Para ela, *"a recompensa é o que o dinheiro pode fazer de diferença na vida do filho"*. (Diário de campo, 20/04/2022)

> *"Então hoje o que eu foco é a minha estabilidade, conforto para a minha família, dar conhecimento para o meu filho para um dia cursar uma faculdade e ter tudo aquilo que eu não tive". (B34)*

A prostituição é vista como alternativa para superar dificuldades financeiras e alcançar ganhos incomuns em outras ocupações (ANTONIASSI JUNIOR; OLIVEIRA, 2025; SILVA; SANTOS; CARVALHO, 2020).

B34 mantém a vida profissional e privada separadas como forma de se proteger do preconceito. Contudo, ressalta que, por ser mãe solteira, negra e pobre, enfrenta múltiplas formas de discriminação:

> *"... pela raça, por ser uma mulher negra, então isso daí, querendo ou não, a mulher negra já passa por isso desde o nascimento, já aprende a conviver com o preconceito desde o nascimento. Então, o preconceito não me dá medo; o que dá medo é o que as atitudes das pessoas preconceituosas podem fazer com as pessoas que eu amo." (B34)*

Ao mencionar ser mãe solteira, negra e pobre, introduz a dimensão da interseccionalidade, destacando múltiplas opressões relacionadas ao estado civil, raça e classe social que amplificam as injustiças sociais e econômicas (CRENSHAW, 2002).

Os dados evidenciam convergências nas trajetórias dessas mães, marcadas pela inserção no trabalho sexual em contextos de vulnerabilidade e pela busca de melhores condições de vida para os filhos.

4. CONCLUSÕES

As narrativas mostram que, para essas mulheres, a maternidade e a necessidade de garantir o sustento dos filhos são motivações centrais para ingressar e permanecer no trabalho sexual. Ao assumirem sozinhas a responsabilidade familiar, o ato de prover torna-se também uma forma de cuidado. Mesmo enfrentando estigmas e múltiplas formas de preconceito, elas criam estratégias para proteger a si e suas famílias, revelando resiliência, afeto e compromisso com o bem-estar dos que amam.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIASSI JUNIOR, G.; OLIVEIRA, G. G. de. Além do estigma: um olhar sensível sobre as vidas de mulheres na prostituição. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, Brasil, v. 14, p. e5929, 2025. DOI: 10.17267/2317-3394rpds.2025.e5929.

BARRETO, L. C. Pesquisa feminista e prostituição: tecendo redes de solidariedade e luta. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, n. 3, e77661, 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n377661.

CAMINHAS, L. Reconhecimento em Dirty Works: a gestão do estigma no trabalho sexual. Dados – **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 68, n. 2, e20230019, 2025. DOI: https://doi.org/10.1590/dados.2025.68.2.364.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011.

CRISTOFFANINI, M. T. Maternidad y prostitución ¿contradictorias y excluyentes?. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 167–185, 2017. http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p167.

PRADA, M. **Putafeminista**. São Paulo: Veneta, 2018.

PFUHL, F. N. von. **Estigma, vergonha e maternidade: estudo compreensivo sobre a vida de trabalhadoras sexuais**. 2020. Dissertação (Mestrado em Temas de Psicologia – Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2020. Disponível em https://hdl.handle.net/10216/130421.

SILVA, A. P. da; SANTOS, C. R. de C.; CARVALHO, M. G. Entre prazeres e sofrimentos: vivências subjetivas de trabalhadoras sexuais em São Paulo. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 181-195, 2018. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v21i2p181-195.

TEODORO, D. A S. B. Maternidades entre trabalhadoras sexuais: o sustento como prática de cuidado. **Cadernos de Campo** (São Paulo - 1991), São Paulo, Brasil, v. 32, n. 2, p. e215106, 2023. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe215106.